

Departamento de Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Um sonho perdido no tempo:
O impacto do desemprego no jornalismo em Portugal

Ana Rita Cedoura Silvestre

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):

Doutora Joana Fonseca França Azevedo, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador(a):

Mestre Miguel Ângelo de Sousa Crespo, Investigador Assistente CIES-IUL,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2016

Departamento de Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Um sonho perdido no tempo:
O impacto do desemprego no jornalismo em Portugal

Ana Rita Cedoura Silvestre

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):

Doutora Joana Fonseca França Azevedo, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador(a):

Mestre Miguel Ângelo de Sousa Crespo, Investigador Assistente CIES-IUL,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2016

Agradecimentos

Aos meus pais, que são o meu pilar e sem eles nada disto era possível.

À minha família, pelo amor incondicional.

Aos amigos do coração, por tudo.

Aos meus orientadores, por todo o apoio e pela total disponibilidade que sempre demonstraram.

Ao Sindicato dos Jornalistas, pelo privilégio que me foi dado para colaborar e desenvolver o estudo pelo qual é a base desta Dissertação.

A todos os Professores com quem me cruzei, tanto na Licenciatura em Sociologia, bem como no Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, obrigada por todas as aprendizagens.

O meu sincero agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a elaboração desta Dissertação de Mestrado, não só apenas pelo apoio que me deram e compreensão, como pela total dedicação e motivação.

Resumo:

Esta Dissertação tem como temática o sonho de muitos portugueses em ser Jornalista. Este sonho dá-se em meados dos anos 90, com uma adesão intensa aos cursos de Comunicação Social em Portugal. Mas com o passar dos anos, os media têm passado por várias mudanças que acabaram por influenciar o Jornalismo praticado em Portugal.

Aborda o tema do Desemprego no Jornalismo em Portugal, nomeadamente, as mudanças e os impactos ocorridos no exercício da profissão. Desde as percepções e motivações que tinham antes de entrar na profissão, quando entraram e o momento actual em que se encontram, a exercer ou não a profissão dos seus sonhos.

A problemática deste trabalho vai ser analisado através do âmbito social, que engloba esta questão do desemprego como sendo uma ameaça à democracia actual; através do âmbito profissional, que remete para como é feito o acesso à profissão, bem como as motivações de cada jornalista e como é visto o seu estatuto hoje em dia; e por último será analisado através da parte tecnológica, que se refere ao desenvolvimento das novas tecnologias com o desempenho da profissão.

Palavras-chave:

Desemprego; Jornalismo; Portugal; Precariedade; Jornalistas; Remuneração; Condições Laborais; Carreira; Formação; Estágio

Abstract:

This dissertation aims to shed lights on the Portuguese journalists' context. This dream begins in the mid-90 led by an intense adherence to the media courses in Portugal. However, the media have gone through several changes throughout the years that have influenced the Journalism in this country.

This study investigates the topic of unemployment of Portuguese Journalists as well as the changes occurred. This research also explores the perceptions and motivations before journalists began their career and their current professional situation: If they are or are not working on what they studied for.

To illustrate the situation, this observation will examine three perspectives: The social one, which encompasses the issue of unemployment as a threat to the current democracy, the professional one, which draws how the access to the job is made as well as the motivations of each journalist, how his role is seen today, and finally the technological aspect, referring to the developments that journalism has brought to technology.

Keywords:

Unemployment; Journalism; Portugal; Precariousness; Journalists; Remuneration; Working Conditions; Career; Training; Internship

Índice

ÍNDICE DE QUADROS	VI
ÍNDICE DE FIGURAS	VI
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1 ENTRE O SONHO E A REALIDADE	3
1.2 O DESEMPREGO NO JORNALISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	4
1.3 O DESEMPREGO NO JORNALISMO E A SUA PROFISSIONALIZAÇÃO	6
1.4 O DESEMPREGO NO JORNALISMO E AS NOVAS TECNOLOGIAS	8
CAPÍTULO II – METODOLOGIAS DA INVESTIGAÇÃO	11
2.1 DEFINIÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO	11
2.2 MODELO DE ANÁLISE	12
2.3 DEFINIÇÃO DE OBJECTIVOS – PERGUNTAS SUBSIDIÁRIAS:	12
2.4 DESENHO DE PESQUISA	13
CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS	13
3.1 RESULTADOS	13
3.2 ANÁLISE DE RESULTADOS	24
BIBLIOGRAFIA	27
REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS CONSULTADAS:	28
ANEXOS	I
A) INQUÉRITO UTILIZADO	I

Índice de Quadros

Quadro 3.1- Caracterização dos indivíduos relativamente ao sexo (página 14)

Quadro 3.2- Caracterização dos indivíduos relativamente à idade (página 14)

Quadro 3.3- Caracterização dos indivíduos relativamente ao estado civil (página 15)

Quadro 3.4- Caracterização dos indivíduos relativamente ao grau de escolaridade completo (página 15)

Quadro 3.5- Caracterização dos indivíduos relativamente à sua área de formação académica (página 16)

Quadro 3.6- Caracterização dos indivíduos relativamente ao distrito ou região onde se localiza o seu local de trabalho (página 17)

Quadro 3.7- Caracterização dos indivíduos face à sua condição perante o trabalho (página 18)

Quadro 3.8- Caracterização dos indivíduos face à idade que entrou na profissão (páginas 19)

Quadro 3.9- Caracterização dos indivíduos face aos anos que exercem a profissão (página 20)

Quadro 3.10- Caracterização dos indivíduos face ao tipo de meios em que trabalha (página 21)

Quadro 3.11- Caracterização dos indivíduos relativamente ao número de estágios que fez enquanto jornalista (páginas 21-22)

Quadro 3.12- Caracterização dos indivíduos face à possibilidade de abandonar a profissão de jornalista (página 22)

Quadro 3.13- Caracterização dos indivíduos face à sua satisfação pessoal com a profissão (página 23)

Quadro 3.14- Caracterização dos indivíduos face a voltar a escolher a profissão (página 23)

Índice de Figuras

Figura 2.2.1- Modelo de análise das dimensões que constituem o Desemprego no Jornalismo (página 12)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho vou abordar o tema do Desemprego no Jornalismo em Portugal, nomeadamente, as mudanças e os impactos ocorridos no exercício da profissão, no ponto de vista das suas percepções e motivações que tinham antes de entrar na profissão, quando entraram e o momento actual em que se encontram, a exercer ou não a profissão.

Assim, “O desemprego dos jornalistas não constitui apenas um problema pessoal, familiar e social, do ponto de vista das condições materiais das pessoas afectadas. É também um problema que deve preocupar toda a sociedade, pelas suas consequências mais amplas” (Sindicato dos Jornalistas, 2012: 4), e, por este motivo, é preciso ver que problemas estão associados, já que o desemprego no âmbito do jornalismo tem aumentado de ano para ano.

Analisando os dados disponíveis relativamente ao desemprego jornalístico da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (2014), entre 2007 e 2014 Portugal perdeu cerca de 1218 profissionais Jornalistas. Aliás, esta mesma fonte já em 2006, admitia que a maioria dos desempregados neste sector era proveniente da imprensa (196 indivíduos), depois televisão (41 indivíduos) e por último a rádio (26 indivíduos). Referindo que as maiores situações de desemprego posicionam-se entre os escalões etários dos 30 aos 34 anos e dos 35 aos 39 anos, apresentando 64% dos desempregados em idade activa para trabalhar. As Habilitações Académicas também se tornam decisivas para o aumento do desemprego, a maior parte dos desempregados têm licenciaturas ou bacharelatos (145 indivíduos), nas faixas etárias mais antigas apenas dispõem do Ensino Básico.

O corpo deste trabalho consiste em três capítulos, no primeiro apresento um enquadramento teórico e de seguida é identificado três dimensões de análise para o problema do desemprego: Uma Dimensão Social que engloba o problema do desemprego como sendo uma ameaça à democracia actual; Uma Dimensão Profissional, que remete para como é feito o acesso à profissão, as Práticas Profissionais apresentam-se como as motivações de cada jornalista, o Estatuto como sendo cada vez menos valorizado; e por último uma Dimensão Tecnológica que se refere ao desenvolvimento das novas tecnologias.

O segundo capítulo refere-se às metodologias da investigação, isto é, os meios utilizados na investigação, as técnicas utilizadas e uma justificação de como será feita e como serão tratados os dados. Assim, este capítulo consiste na identificação do objecto em estudo, da apresentação e análise do modelo de análise, afirmação de objectivos e a explicação do desenho de pesquisa.

Por último, o terceiro capítulo é a apresentação de dados, onde será apresentado os resultados da investigação e a posterior análise desses mesmos resultados.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Entre o Sonho e a Realidade

O Sonho de muitos portugueses em ser Jornalista inicia-se em meados dos anos 90, com uma adesão intensa aos cursos de Comunicação Social. As motivações por detrás desta adesão em massa consistem no “vedetismo gerado pela privatização da rádio e da televisão” (Rebelo, 2011).

Para Rebelo (2011: 24) esta adesão foi motivada pela convergência de diversos factores, como a massificação do Ensino Superior e o surgimento das Universidades Privadas, a Proliferação dos cursos da área da comunicação e do jornalismo e o Desenvolvimento da indústria dos media num contexto de crescimento económico.

É visível a evolução desta profissão para além do desenvolvimento das novas tecnologias e das suas transformações, com o início das emissões de sinal aberto da SIC em 1992 e da TVI em 1993, do licenciamento dos operadores televisivos por cabo em 1997, a legalização das rádios em 1988 (e como emissores temáticos em 1997), lançamento de revistas semanais e revistas especializadas com dia específico a sair nas bancas, lançamento dos jornais gratuitos nas grandes metrópoles, a crescente modernização tecnológica e o lançamento das versões digitais dos meios tradicionais (Rebelo, 2011: 41). Todos estes aspectos levaram a uma crescente profissionalização do jornalismo, promovido pela disponibilidade de recursos humanos licenciados e pela evolução das estruturas dos meios jornalísticos (Rebelo, 2011: 42).

Com o passar dos anos os media em Portugal têm passado por várias mudanças, muitas delas afectando-os de forma negativa, como é o caso da crise económica do país, a deterioração do mercado publicitário e a acentuada quebra nas audiências (Bastos, 2014: 39) Esta crise reflectiu-se no aumento do desemprego no sector do Jornalismo, como afirma Bastos (2014: 40) ao ter de se “proceder ao “emagrecimento de quadros” e da “estrutura de custos””. Para o autor as principais causas dos despedimentos a jornalistas foi a quebra acentuada de receitas publicitárias e a perda de audiências (principalmente na imprensa) (2014: 45).

Rebelo (2014) admite que os maiores problemas do jornalismo hoje em dia são a “sobreoferta de aspirantes ao jornalismo, formas de recrutamento pouco criteriosas, precariedade laboral, polivalência multiforme, actividades extraprofissionais, flexibilização e expectativas frágeis (...) ausências de contrato de trabalho, contratos de curta duração”. Para Bastos (2014: 43) os

poucos empregos que existem no sector do jornalismo são precários e mal pagos. Mas, apesar deste cenário o autor revela que “a procura pelos cursos de ciências da comunicação e jornalismo não tem parado de aumentar”

O desemprego no jornalismo começou a intensificar-se a partir de 2006, com a situação a piorar de ano para ano, agravando-se a partir de 2009. Baptista (2012 *apud* Bastos, 2014, p.40) refere que “Um estudo do Fórum de Jornalistas, divulgado em abril de 2012, revelou que o sector dos media dispensou, entre 2006 e 2010, cerca de 500 trabalhadores. A maior parte dos postos de trabalho foi eliminada na imprensa escrita, onde foram reduzidos 452 colaboradores. Os restantes distribuem-se entre as rádios e as televisões”.

O Sindicato dos Jornalistas (2012: 3) também refere o problema do desemprego galopante ao afirmar que “entre os anos de 2007 a 2011, deram entrada na Caixa de Previdência e Abono de Família dos Jornalistas 566 novos pedidos de subsídio de desemprego, num total de 694 processos. Só no ano de 2011, entraram 168 novos processos, dos quais 134 diziam respeito a subsídio de desemprego, o que representou um aumento de 16,5% em relação a 2010, e 25 pedidos de subsídio social de desemprego. No primeiro trimestre de 2012, o número de processos atingiu quase quatro dezenas. Em média, no decênio 2002-2011, a Caixa pagou mais de 2,7 milhões de euros por ano em subsídios”.

Rebelo (2014) assume o desemprego e a precariedade como problemas de âmbito social, já que como este autor revela os mais jovens têm estágios de trabalho intermináveis, alguns recebem a recibos verdes e não conseguem a integração na empresa. Assim, estes jovens revelam uma enorme decepção e desmotivação face às expectativas criadas antes de entrar na profissão, já que o esperado e sonhado não corresponde à realidade vivida.

Admite que existem várias formas de precariedade face à profissão do jornalista: “precariedade material” que corresponde ao excesso de horas de trabalho, ao baixo salário, entre outras; “precariedade psicológica” que refere-se à parte emocional e emotiva; e por último, a “precariedade profissional” que baseia-se na ausência de reconhecimento e desvalorização profissional (2014).

1.2 O Desemprego no Jornalismo e as transformações Sociais

O trabalho dos jornalistas sofreu transformações, com as respectivas vantagens e desvantagens articuladas a esta mudança. Associado a isso está a globalização que surge como uma deslocalização, “coincidência entre o espaço de produção e da comercialização, por um lado, e o espaço da produção e da comercialização, por um lado, e o espaço mundo,

por outro”, assim “tudo deve poder ser produzido e tudo deve poder ser consumido em qualquer parte do mundo” (Rebelo, 2002).

Para o autor Anthony Giddens, a “globalização significa desinserção das relações sociais relativamente aos contextos locais de interacção e a sua reestruturação através de extensões indefinidas do binómio espaço/tempo”, este autor refere a globalização como sendo uma “modernidade tardia” (Giddens, 1997, *apud* Rebelo, 2002).

Com uma massificação da sociedade o individuo torna-se mais livre nas suas escolhas, o que leva a uma crescente individualização. A sociedade de consumo é caracterizada pela acumulação reflexiva, pelo crescimento dos processos de individualização, pelo consumo e produção como modelos pensados e assentes na estética e as escolhas no poder de consumo estão cada vez mais evidentes (concorrência, diversidade e customização).

Nesse ponto de vista, Fidalgo (2008) refere que a identidade dos jornalistas assume um “reforço do individualismo e que tem a ver com dois factores associados: contratação individual, sem negociação colectiva nem dentro do meio/empresa; e a diversificação das profissões na esfera do jornalismo, em sequência do desenvolvimento do multimédia e das novas tecnologias que aproximaram informação e comunicação”.

Como causa desta Globalização e de todos os processos associados surge assim, o Jornalismo Cidadão que é um jornalismo em tempo real como até refere o autor Gillmor “(...) os leitores em seu conjunto sempre sabem mais do que o jornalista, qualquer que seja o assunto” (2005, *apud* Alves, 2006 p.100). Assim, os leitores passam a dar contribuições, “os cidadãos ganharam a capacidade de se expressar na web e nos outros novos meios” (Alves, 2006: 101). Surge assim, um “Jornalismo Participativo” como é o exemplo do “OhMyNews.com” que conta já com 37 mil repórteres-cidadão (2006: 101).

Esta nova forma de jornalismo trouxe mudanças porque hoje em dia “o receptor tem o controle, o poder de acessar a uma infinidade de fontes, sem barreiras de tempo e espaço que limitavam sua ação até o advento da web”, assim houve uma “transferência de controle do emissor para o receptor”, baseadas em “decisões individuais” (Alves, 2006: 96).

Com os avanços tecnológicos cada individuo na sociedade possui um ou vários *smartphone's* que lhe permite tirar fotografias, fazer vídeos, concentrando num aparelho diversas funcionalidades e aplicações que permite publicar numa rede social ou partilhar com os seus contactos em tempo real, antecipando a noticia ou comentário por parte do Jornalista, “os jornalistas estão perdendo o seu poder de gatekeeper, na medida em que os usuários têm acesso a uma infinidade de fontes e dispõem de mais recursos de acesso e seleção, as empresas jornalísticas estão perdendo poder para os anunciantes” (Alves, 2006: 98). Com a

antecipação da notícia por parte dos cidadãos, o trabalho do jornalista é posto em causa. Assim, “o jornalista vai perdendo o monopólio do jornalismo, enquanto cidadãos, que até bem pouco tempo atrás não tinham como publicar e chegar a grandes audiências, encontram na web formas de comunicar suas mensagens” (Alves, 2006: 99).

Com o Jornalismo Digital surgem diversas transformações de partilha de ideias, opiniões, notícias, imagens, vídeos com as redes sociais (Facebook, Twitter) e os blogs ou weblogs, que têm uma dimensão enorme em todo o mundo, criando seguidores, audiências e comunidades em volta, assim “os grandes acontecimentos (...) serão vistos e gravados, por várias ou mesmo muitas pessoas” (Gillmor, 2005, *apud* Alves, 2006). Os blogs surgem como “os principais responsáveis pela modificação da forma de comunicar e informar” (Correia, 2008: 5), sendo que muitos deles assumem-se na forma de anonimato, não são precisos nas notícias que publicam, não existe a verificação se a notícia é credível, conduzindo a ser uma ameaça em vários sectores.

1.3 O Desemprego no Jornalismo e a sua Profissionalização

Para Rebelo (2014), com os despedimentos dos mais experientes, perde-se a memória das redacções de outros tempos, o capital cultural é posto de lado e surgem as notícias copiadas ou aproveitadas de outras agências e a investigação é posta de lado porque com menos recursos humanos a trabalhar não é possível chegar a todo o lado e aliás, muitas das vezes nem a origem da fonte é devidamente confirmada o que leva à desvalorização do papel do jornalista. Este autor assume que o jornalismo apresenta-se com baixa qualidade e com pouca preocupação nas notícias, preocupando-se mais com os interesses da própria agência do que com o público em geral, isto é, uma verdadeira ameaça à democracia e à verdade dos factos e das informações/notícias (2014).

Para Bastos (2014: 42) muitos autores têm chamado de “proletarização” do jornalismo, ao processo em que os jornalistas mais antigos e com mais experiência são substituídos por profissionais mais novos, recém-licenciados, com menos experiência e que possuem vínculos laborais precários, carga laboral pesada e excessiva e salários baixos.

Também Correia (2012, *apud* Bastos, 2014, p.42) reconhece que os jornalistas estão “mergulhados numa profunda crise de identidade e, tal como outras profissões intelectuais, num claro processo de proletarização”.

O Estatuto do Jornalista, apresenta-se como “transmissor de acontecimentos” (51,4%) e de um “intérprete da realidade” (29,3%), (Fonte: Obercom, 2010). Assim, o estatuto do

jornalista é muito importante na sociedade pois traz credibilidade aos assuntos tratados, verdade e liberdade ao exercício da profissão. Hoje em dia, o Estatuto do Jornalista é posto em causa.

A permanente pressão que existe no exercício da profissão dos jornalistas torna-se como o oposto que deveria ser o jornalismo. Um “(...) jornalismo livre, independente e de qualidade sempre foi vital para a construção de um espaço público dinâmico e para uma cidadania de alta intensidade” (Lopes, 2015). Refere ainda que os constrangimentos face à liberdade de imprensa são de natureza económicos, medo do desemprego, a pressão exercida pelas fontes, a autocensura, a pressão do poder político, a precariedade laboral e a constante desvalorização do jornalista e do próprio jornalismo.

Hoje em dia, os jornalistas vivem com medo, medo de perder os seus empregos, já que as empresas jornalísticas tendem a recorrer a mão de obra mais barata, como é o caso dos estagiários que em muitas empresas trabalham sem qualquer tipo de remuneração ou noutro dos casos os jornalistas trabalham em regime de trabalho precário já que são pagos apenas a recibos verdes (Lopes, 2015).

Assim, o Acesso à Profissão é feito através de redes de conhecimentos, analisando os dados da CCPJ (2006) a maioria dos desempregados são os recém-licenciados, a oferta encontra-se inferior à grande procura de emprego neste sector, tornando-se uma profissão com privilégios apenas para quem tem conhecimentos na área ou cunhas dentro da agência. E noutros casos entram na profissão mas a exercer trabalho precário.

Outro dos problemas do sector apresentado por Lopes (2015) é a fusão de várias redacções dentro de um grupo jornalístico e por sua vez a multiplicação de trabalhos em várias plataformas, assim os trabalhos são reeditados e publicados em várias plataformas a fim de reduzir despesas e aumentar a produtividade.

Rebelo (2014) também admite a mesma ideia e afirma que a crise financeira e a falta de recursos potencializou o problema da “mimetização/duplicação de conteúdos dentro de vários órgãos de um mesmo grupo de comunicação, segundo uma economia de escala que reduz custos financeiros, mas com prejuízos ao nível do pluralismo e da diversidade de conteúdos” Relativamente à Prática Profissional do jornalista, as notícias estão cada vez mais cheias de erros e imprecisões (71,5%) e é prestada pouca atenção a assuntos mais complexos (74,3%), (Fonte: Obercom, 2010). Assim, agrava o risco de perda de qualidade informativa, já que a investigação deixa de fazer parte das práticas profissionais dos jornalistas e com menos recursos humanos as notícias muitas vezes são aproveitadas de outras agências, sem prestar muita atenção à fonte.

A importância das fontes na profissão do jornalista é referida por Lopes (2015) ao citar Grans (1979) para defini-las como “um conjunto de actores que os jornalistas observam ou entrevistam”. Para Gans as notícias surgem da fusão das fontes com os jornalistas, onde se “desenvolve muitas vezes através de “focos de guerra” em que cada um tenta impor o seu poder” (1979, *apud* Lopes, 2015). E continua, ao afirmar que as fontes são seleccionadas através do “passado credível, a produtividade, a fiabilidade, a garantia, a autoridade e a clareza” (1979).

Como causa da estagnação deste sector, muitos jornalistas tornam-se Freelancers, isto é, um jornalista que colabora com vários órgãos de comunicação social, fornecendo peças da sua autoria ou informações jornalísticas, sendo que o trabalho de campo é todo custeado pelo jornalista e a empresa decide se compra a peça ou não, o trabalho torna-se incerto e muitas vezes precário. O Freelancer não tem contrato e trabalha a recibos verdes.

A solução apresentada por Lopes (2015) para tornar o jornalismo de hoje mais livre está na forma de “reinventar os processos produtivos de notícia e de reinventarem-se a si próprios enquanto profissionais”.

1.4 O Desemprego no Jornalismo e as Novas Tecnologias

Com o Desenvolvimento das Tecnologias, estas passam a ser o principal motor de acesso a conteúdos noticiosos, como as páginas de internet e os órgãos de comunicação social (82,9%) e os telemóveis (58,6%). (Fonte: Obercom, 2010)

Para Castells a Sociedade em Rede apresenta-se como uma nova estrutura social, onde a Internet surge como o motor dessa estrutura, “A Internet é uma tecnologia particularmente maleável, susceptível de ser modificada profundamente pela prática social e de nutrir uma vasta gama de efeitos sociais” (1999), o autor continua “(...) penetra em todos os domínios da vida social e os transforma. Assim, é uma nova configuração, a Sociedade em Rede, que está em gestação em todo o planeta, ainda que sob as formas muito diversas entre um ponto e outro, e com efeitos muito diferentes sobre a vida das populações, devido à sua história, sua cultura, suas instituições” (1999).

A Sociedade em Rede teve a sua origem a partir dos anos 60 e coincidiu com três processos: a revolução na tecnologia da informação, a crise económica do capitalismo e a sua consequente re-estruturação, e por último, o crescimento dos movimentos sociais e culturais libertários.

A interacção destes três processos com as reacções despertadas na sociedade fez originar uma nova estrutura social, designada por “Sociedade em Rede”.

Para Castells (1999), a revolução da tecnologia da informação motivou o surgimento do informacionalismo como sendo a base de uma nova sociedade.

O informacionalismo, a geração de riqueza, o exercício do poder e a criação de códigos culturais passaram a depender da capacidade tecnológica das sociedades e dos indivíduos, sendo a tecnologia da informação o elemento principal.

A tecnologia da informação por seu lado, como afirma Castells (1999) tornou-se uma ferramenta indispensável para a implantação efectiva dos processos de re-estruturação socio-económica, tendo uma especial importância ao possibilitar a formação de redes como um modo dinâmico e auto-expansível de organização da actividade humana. Essa lógica preponderante de redes transforma todos os domínios da vida social e económica.

Temos assistido a uma revolução de base tecnológica e uma evolução através da inovação, da criatividade, da produtividade e da riqueza, mas por outro lado, a volatilidade, a insegurança, a desigualdade e a exclusão social estão presentes no nosso dia-a-dia.

Assim, a nova estrutura social da Era da Informação, denominada por Sociedade em Rede por Castells e como o próprio autor refere é constituída por redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura virtual nos fluxos globais dos quais, transcendem o tempo e o próprio espaço.

A Sociedade em Rede, como qualquer outra estrutura social, não deixa de ter contradições internas, conflitos sociais associados e desafios pela forma como se processa a organização social. Os desafios existentes são provocados pelas características dessa mesma sociedade e diferem de sociedade para sociedade.

Com a Internet a velocidade da informação apresenta-se cada vez mais flexível, descentralizada, multidimensional e de geração (processo cumulativo). Isto leva a uma maior mobilidade, ao crescimento das relações sociais em redes e da reconfiguração das identidades individuais (Castells, 2001).

A origem da Internet surgiu como uma contra-cultura dos movimentos libertários, com uma arquitectura informática aberta e a uma liberdade face ao Estado e às empresas, Castells refere que “A Internet foi projectada tecnicamente para interpretar qualquer censura como um obstáculo técnico e reconfigurar a vida de transmissão” (2001). Este autor refere a Internet como sendo uma cultura de liberdade, de inovação e de empreendedorismo. Para Rebelo (2014) a Internet tem um “papel central enquanto ferramenta de trabalho” na profissão do jornalista e assume que as grandes vantagens ocorridas com as mudanças tecnológicas foram uma “substancial economia de tempo, ficando o jornalista com outra disponibilidade para se

dedicar à investigação das matérias da sua especialidade e a utilizar documentação de arquivo, que passou a ser acessível no seu monitor”.

Com o desenvolvimento das tecnologias a prática profissional dos jornalistas tem sido modificado, através das adaptações às novas tecnologias e com a antecipação da notícia por parte dos cidadãos, o trabalho do jornalista é posto em causa. Fidalgo (2008, *apud* Rebelo, 2014) assume que as novas tecnologias “provocam mudanças ao nível da produção da informação e são frequentemente os jornalistas mais jovens que desempenham funções nessa área, embora o recurso à internet seja já uma prática generalizada nas redacções”.

O jornalismo digital trouxe mudanças e com ele a web e a mais tarde a web 2.0, “A web representa uma mudança de paradigma comunicacional muito mais ampla que a adição de um sentido (...) oferece um alcance global, rompendo barreiras de tempo e espaço como não tínhamos visto antes (...) oferece grau de interactividade (...) é um meio activo” (Alves, 2006:95). A internet passa a incorporar vários serviços, “pode ser rádio, TV, jornal, revista, tudo ao mesmo tempo” (Alves, 2006:98).

Como refere Lopes (2015) “o digital está a provocar rupturas em estruturas essenciais do campo do jornalismo”, assim cita Salaverria (2015, *citado por* Lopes, 2015) para explicar o seu ponto de vista já que este autor aponta cinco rupturas referentes ao digital “ruptura de fronteiras, soltando-se os conteúdos de uma territorialidade bem determinada; ruptura de barreiras, havendo uma enorme facilidade em criar novas publicações; ruptura de ciclo editorial, deixando os produtos editoriais de terem um ciclo fixo de publicação; ruptura do monopólio da palavra, a interlocução é agora horizontal, multidirecional e simultânea; ruptura com o modelo de negócio, havendo necessidade de criar novos modelos que sustentem as empresas jornalísticas”.

O design do “toque & ecrã” triunfou sobre o design “teclas e rato”. Isto tem acrescentado uma alteração do tipo de equipamentos – veículo para o emergente tráfego de dados e fluxos de interacção” (Média em Movimento 2013, 2013: 14). Estas mudanças que atravessaram todos os sectores de media centram-se na “partilha, convergência e complementaridade” (Média em Movimento 2013, 2013). Assim, com estas transformações, passamos a ter uma sociedade de consumidores mais informados, mais conectados em redes, vêm e lêem o que querem e quando querem (poder da escolha pessoal), acedem e consomem os mais diversos conteúdos seja em portáteis, tablets, smartphones ou outro tipo de tecnologia.

Apesar de todas as transformações, o Jornalismo continua a ser uma profissão presente nas nossas sociedades e a maioria da informação noticiosa que hoje fruimos continua a provir das redacções jornalísticas.

CAPÍTULO II – METODOLOGIAS DA INVESTIGAÇÃO

2.1 Definição do Objecto de estudo

Com este trabalho e remetendo para um ponto de vista mais crítico, é uma reflexão das mudanças ocorridas no exercício da profissão do jornalismo nos dias de hoje, em comparação com a profissionalização do jornalismo em anos anteriores.

Neste sentido, na tentativa de compreender melhor estas mudanças ocorridas na profissionalização do jornalismo, procurei identificar três dimensões de análise centrais para conhecer os problemas ligados ao desemprego neste sector.

Uma Dimensão Social que engloba o problema do desemprego como sendo uma Ameaça à Democracia actual já que leva a uma baixa qualidade de Jornalismo, e como consequência deste problema o surgimento do Jornalismo-Cidadão, que tem vindo a afirmar-se devido às novas tecnologias que trazem essa possibilidade de cada individuo poder fazer jornalismo em tempo real.

Uma Dimensão Profissional, que remete para como é feito o acesso à profissão que muitas vezes é feito através de redes de conhecimentos, as Práticas Profissionais apresentam-se como as motivações de cada jornalista e o Estatuto como sendo cada vez menos valorizado.

Uma Dimensão Tecnológica que se refere ao desenvolvimento das novas tecnologias como sendo o principal motor de acesso a notícias por parte dos cidadãos e como sendo uma das causas para a mudança na profissão a nível mais tecnológico e digital, já que possibilitou mais conhecimento de notícias e mais investigação em menos tempo.

Assim, a pergunta de partida a que pretendo dar resposta neste trabalho:

Quais são as mudanças que tiveram influência no desemprego no sector do Jornalismo?

2.2 Modelo de Análise

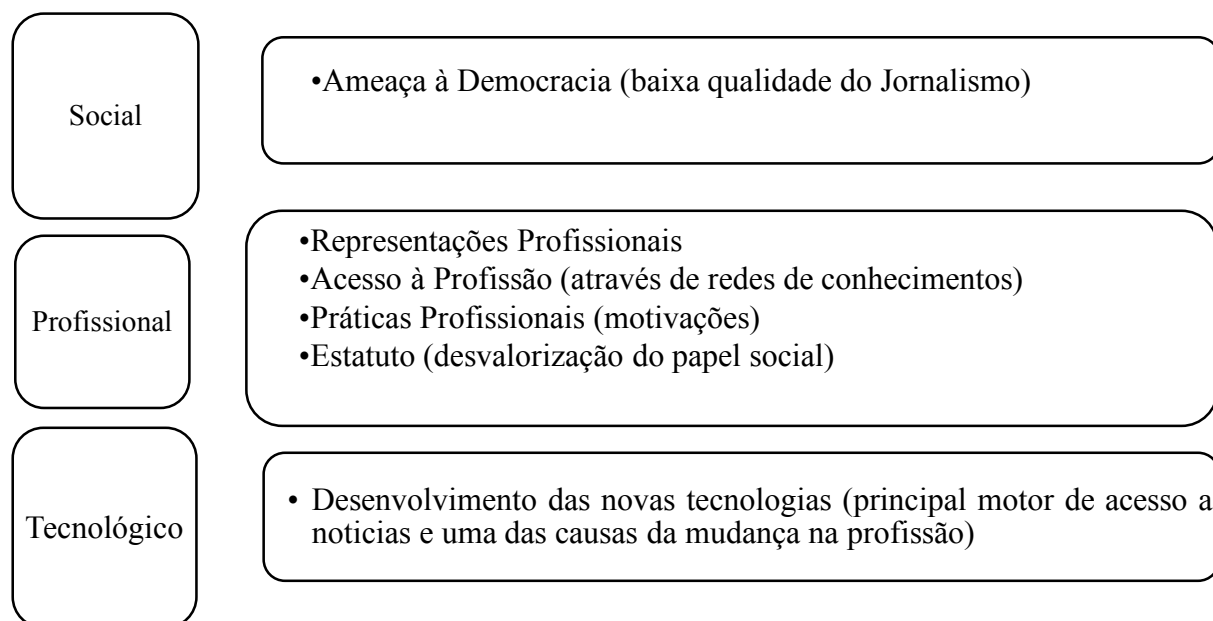


Figura 2.2.1- Modelo de análise das dimensões que constituem o Desemprego no Jornalismo

O Desemprego no Jornalismo apresenta-se enquanto um problema Social, Profissional e Tecnológico analisado através destas dimensões de análise.

Todas as dimensões se relacionam e se reflectem ao nível Social.

A um nível mais particular, a Dimensão Profissional que se reflecte no indivíduo e em toda a profissão; a nível mais geral, a Dimensão do Social que compreende a relação da profissionalização do jornalismo com a sociedade e com a empresa em que trabalha; e a um nível Tecnológico, ligado ao desenvolvimento das novas tecnologias e as suas transformações respectivamente na profissionalização.

2.3 Definição de Objectivos – Perguntas subsidiárias:

As principais interrogações que complementam a pergunta de partida são as seguintes:

- O Jornalismo Cidadão é uma nova forma de fazer jornalismo? Que riscos?
- Qual é o estatuto do Jornalista hoje em dia? E como é feito o acesso à profissão?
- Qual a relação das práticas profissionais com as novas tecnologias?
- Quais as formas de lidar com o aumento do desemprego neste sector?

2.4 Desenho de Pesquisa

O principal método de recolha de informação utilizado foi o inquérito por questionário online através da plataforma Qualtrics (disponibilizado pelo ISCTE), com questões abertas e fechadas.

O Projecto de investigação teve como título “Os jornalistas portugueses são bem pagos?” e foi feito em parceria com o Sindicato dos Jornalistas e o CIES-IUL (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa). O Pré-teste foi lançado de 30 de Março de 2016 a 14 de Abril de 2016 e a data oficial de início de inquérito foi a 1 de Maio de 2016.

Este método teve como variante a de “administração directa” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 188) já que foi o próprio inquirido a responder online, a completá-lo e a adicionar as notas que desejava. Tem como principais vantagens a “possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder a numerosas análises de correlação. A satisfação da exigência da representatividade” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 189).

Por outro lado, este método também tem limites e problemas “superficialidade das respostas; individualização dos entrevistados, que são separados das suas redes de relações sociais; fragilidade da credibilidade do dispositivo” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 189-190). O Universo de inquiridos são todos os jornalistas que trabalham em Portugal, com uma amostra de 1518 inquiridos.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS

3.1 Resultados

Apesar do extenso inquérito aplicado, selecionei apenas as próximas questões apresentadas:

1. Sexo		
Sexo	N	%
Masculino	791	52%
Feminino	727	48%
Total	1,518	100%

Quadro 3.1.1- Caracterização dos indivíduos relativamente ao sexo (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Do total de indivíduos 1518 que responderam ao questionário, 52% são do sexo masculino (791 respostas) e 48% são do sexo feminino (727 respostas).

Assim, responderam mais indivíduos do sexo masculino do que do sexo feminino.

Idade	Medidas descritivas
Valor máx.	63
Média	22.88
Variação	116.21
Desvio padrão	10.78
Total de respostas	1,479

Quadro 3.1.2- Caracterização dos indivíduos relativamente à idade (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Do total das respostas dos 1479 indivíduos que responderam ao inquérito, o indivíduo mais novo a responder tem 18 anos e o mais velho 80 anos. A idade média dos inquiridos centra-se nos 23 anos de idade.

3. Qual é o seu estado civil?		
Estado Civil	N	%
Solteiro/a	579	38%
Divorciado/a, separado/a, viúvo/a	152	10%
Casado/a	528	35%
A viver junto/em união de facto	258	17%
Total	1,517	100%

Quadro 3.1.3- Caracterização dos indivíduos relativamente ao estado civil (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Do total de 1517 indivíduos que responderam ao questionário, a maior parte são solteiro/a com 38% (579 respostas); segue-se os casado/a com 35% (528 respostas); a viver junto/em união de facto 17% (258 respostas) e por último os 10% (152 respostas) correspondem a indivíduos divorciado/a, separado/a, viúvo/a.

6. Qual é o seu grau de escolaridade completo?		
Grau de Escolaridade	N	%
Ensino secundário	304	20%
Bacharelato/Licenciatura de 3 anos	318	21%
Licenciatura de 4 a 5 anos	646	43%
Mestrado (inclui mestrado integrado)	201	13%
Doutoramento	22	1%
Total	1,491	100%

Quadro 3.1.4- Caracterização dos indivíduos relativamente ao grau de escolaridade completo (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Do total de respostas 1491 referente ao grau de escolaridade completo, a maior parte dos indivíduos cerca de 43% (646 respostas) possuem uma Licenciatura de 4 a 5 anos; 21% (318 respostas) Bacharelato/Licenciatura de 3 anos; 20% (304 respostas) com Ensino Secundário; 13% (201 respostas) com Mestrado (inclui mestrado integrado) e 1% (22 respostas) com Doutoramento.

7. Qual é a sua área de formação académica?

Área de formação académica	N	%
Ciências da Comunicação/Comunicação Social	581	40%
Jornalismo	376	26%
Direito	36	2%
História	45	3%
Economia	27	2%
Línguas e Literaturas	46	3%
Sociologia ou Antropologia	29	2%
Relações Internacionais	33	2%
Ciência Política	8	1%
Marketing e Publicidade	23	2%
Outra	245	17%
Total	1,449	100%

Quadro 3.1.5- Caracterização dos indivíduos relativamente à sua área de formação académica (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Do total de 1449 respostas referente à área de formação académica, a maior parte dos inquiridos tem como área de formação as ciências da comunicação/comunicação social com um total de 581 respostas (40% do total). Segue-se o Jornalismo com 26% (376 respostas); Línguas e Literaturas com 3% (46 respostas); História com 3% (45 respostas); Direito com 2% (36 respostas); Relações Internacionais 2% (33 respostas); Sociologia ou Antropologia 2% (29 respostas); Economia 2% (27 respostas) e por último Ciência Política 1% (8 respostas).

Relativamente à caracterização dos indivíduos face à sua área de formação não ligada ao jornalismo, do total de indivíduos inquiridos, cerca de 216 tem uma área e formação não ligada ao jornalismo, pode dizer-se que em muito dos casos é mesmo oposta, como é o caso da Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Educação Física, Arquitectura, Matemática, Biologia, entre outros.

12. Em que distrito ou região se encontra o seu local de trabalho?

Local de trabalho	N	%
Braga	32	3%
Faro	32	3%
Leiria	27	2%
Lisboa	728	62%
Porto	140	12%
Outros	198	16%
Estrangeiro	20	2%
Total	1,177	100%

Quadro 3.1.6- Caracterização dos indivíduos relativamente ao distrito ou região onde se localiza o seu local de trabalho (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Relativamente ao distrito ou região onde se localiza o local de trabalho, do total de 1177 que responderam a esta questão, a maior parte referiu Lisboa com 62% (728 respostas); Porto com 12% (140 respostas); Braga e Faro ambas com 3% (32 respostas cada); Leiria com 2% (27 respostas); Aveiro com 2% (25 respostas); Açores e Coimbra ambas com 2% (22 respostas cada); Estrangeiro com 2% (20 respostas); Setúbal com 2% (19 respostas); Madeira com 2% (18 respostas); Santarém 1% (15 respostas); Beja 1% (12 respostas); Castelo Branco e Vila Real ambas com 1% (10 respostas cada); Bragança 1% (9 respostas); Viseu 1% (8 respostas); Guarda 1% (7 respostas); Évora 1% (6 respostas) e Viana do Castelo 0% (5 respostas).

14. Atualmente, qual é a sua condição face ao trabalho?		
Condição face ao trabalho	N	%
A trabalhar	1,278	87%
Em estágio	30	2%
Desempregado/a	113	8%
À procura do 1º emprego	5	0%
Reformado/a	32	2%
Inválido/doença permanente	3	0%
Total	1,461	100%

Quadro 3.1.7- Caracterização dos indivíduos face à sua condição perante o trabalho (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Do total de 1461 indivíduos que responderam à questão sobre a sua condição face ao trabalho, 87% (1278 respostas) admitiram estar a trabalhar; 8% (113 respostas) referiu estar desempregado; 2% (32 respostas) Reformado/a; 2% (30 respostas) Em estágio; 0% (5 respostas) está à procura do 1º emprego; 0% (3 respostas) inválido/doença permanente.

17. Com que idade entrou na profissão:		
Idade de entrada na profissão	N	%
Antes dos 20 anos	236	16%
21-25 anos	925	64%
26-30 anos	197	14%
31-35 anos	44	3%
36-40 anos	30	2%
41-50 anos	14	1%
51 anos ou mais	9	1%
Total	1,455	100%

Quadro 3.1.8- Caracterização dos indivíduos face à idade que entrou na profissão (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Referente à pergunta com que idade entrou na profissão, do total de 1455 que responderam, 64% (925 respostas) admite que foi entre os 21-25 anos; 16% (236 respostas) admite que foi antes dos 20 anos; 14% (197 respostas) entre os 26 e os 30 anos; 3% (44 respostas) entre os 31 e os 35 anos; 2% (30 respostas) entre os 36 e os 40 anos; 1% (14 respostas) entre os 41 e os 50 anos; 1% (9 respostas) 51 anos ou mais.

18. Há quantos anos exerce a profissão?		
Anos de exercício da profissão	N	%
0 a 2	113	8%
3 a 5	149	10%
6 a 10	220	15%
11 a 15	217	15%
16 a 20	294	20%
21 a 30	355	24%
Mais de 30	109	7%
Total	1,457	100%

Quadro 3.1.9- Caracterização dos indivíduos face aos anos que exercem a profissão (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Do total de 1457 indivíduos que responderam, 24% (355 respostas) admitem que exercem a profissão à mais de 21-30 anos; 20% (294 respostas) 16-20 anos; 15% (220 respostas) 6-10 anos; 15% (217 respostas) 11-15 anos; 10% (149 respostas) 3-5 anos; 8% (113 respostas) 0-2 anos; 7% (109 respostas) à mais de 30 anos.

21. Em que tipo de meios de comunicação trabalha?			
Meios de comunicação	Atividade principal	Atividade secundária	N
Imprensa	695	130	825
Rádio	186	73	259
Televisão	306	85	391
Jornalismo online - site	345	239	584
Jornalismo online - aplicação	46	42	88
Jornalismo online - redes sociais	114	117	231
Agência noticiosa	125	27	152
Outro	47	40	87

Quadro 3.1.10- Caracterização dos indivíduos face ao tipo de meios em que trabalha (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

A maior parte dos inquiridos trabalha e tem como actividade principal a Imprensa com 695 respostas e tem como actividade secundária o jornalismo online – site com 239 respostas.

35. Quantos estágios como jornalista fez ao longo da sua carreira?		
Número de Estágios	N	%
1	879	69%
2	271	21%
3	72	6%
4 ou mais	50	4%
Total	1,272	100%

Quadro 3.1.11- Caracterização dos indivíduos relativamente ao número de estágios que fez enquanto jornalista (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Para os 1272 indivíduos que responderam, 69% (879 respostas) admitem que só fizeram 1 estágio como jornalista ao longo da sua carreira; 21% (271 respostas) refere ter feito 2; 6% (72 respostas) refere que fez 3; 4% (50 respostas) admite ter feito 4 ou mais.

43. Já pensou em abandonar a profissão de jornalista?		
	N	%
Sim	852	64%
Não	476	36%
Total	1,328	100%

Quadro 3.1.12- Caracterização dos indivíduos face à possibilidade de abandonar a profissão de jornalista (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Do total de 1328 indivíduos que respondeu ao inquérito, 64% (852 respostas) admitiu que já pensou abandonar a profissão de jornalista, apenas 36% (476 respostas) respondeu que nunca pensou em abandonar a sua profissão.

Relativamente à Caracterização dos indivíduos face às motivações para abandonar a profissão de jornalista, à pergunta se alguma vez já pensou abandonar a profissão de jornalista, a maior parte dos inquiridos respondeu que sim, cerca de 64%. Por detrás dos motivos apresentados prende-se principalmente com as questões de salários baixos, horas excessivas de trabalho e horários irregulares, precariedade laboral, pressões e condicionalismos, estagnação na carreira, falta de reconhecimento e falta de oportunidades.

A instabilidade a nível profissional acaba por se verificar também a nível familiar já que os inquiridos referem que não conseguem conciliar o trabalho com a família, também devido à instabilidade financeira.

Os inquiridos referem que se sentem desmotivados, cansados, insatisfeitos com a profissão e com medo do futuro. Admitem que o jornalismo que fazem não é aquele que queriam fazer quando pensaram ir para a profissão.

56. Qual a sua satisfação pessoal com a profissão de jornalista?

Satisfação pessoal com a profissão	Medidas descritivas
Valor mín.	1
Valor máx.	7
Média	4.11
Variação	2.60
Desvio padrão	1.61
Total de respostas	1,263

Quadro 3.1.13- Caracterização dos indivíduos face à sua satisfação pessoal com a profissão (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Relativamente à satisfação pessoal dos inquiridos com a profissão, os cerca de 1263 que responderam admitem que nem estão insatisfeitos, nem estão satisfeitos.

57. Se fosse iniciar hoje a sua carreira, voltava a escolher a profissão de jornalista?

	N	%
Sim	755	60%
Não	499	40%
Total	1,254	100%

Quadro 3.1.14- Caracterização dos indivíduos face a voltar a escolher a profissão (Fonte: Inquérito aos Jornalistas 2016)

Uma das últimas questões debatia-se com o facto de perguntar aos inquiridos que se fosse iniciar a sua carreira novamente se voltava a escolher a mesma profissão de jornalista. Surpreendentemente, apesar de todas as respostas anteriores do mau estar geral sentido na profissão, a maior parte dos indivíduos (60%) respondeu que voltava a escolher esta mesma profissão. Contra os 40% que admitiram que não voltavam a escolher a carreira de jornalistas.

3.2 Análise de Resultados

A maior parte de indivíduos (52%) que respondeu ao questionário é do sexo masculino, face a 48% do sexo feminino. Com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos, mas a maior parte das respostas centra-se nos 43 anos, que corresponde a 5%. A média de idades dos inquiridos que respondeu a este questionários centra-se nos 23 anos.

Relativamente ao estado civil dos inquiridos a maior parte são solteiros com 38% das respostas e em relação ao grau de escolaridade completo, cerca de 43% possuem uma Licenciatura de 4 a 5 anos. A área de formação de 40% dos inquiridos é as ciências da comunicação/comunicação social, mas também muito dos inquiridos tem uma área de formação não-ligada ao Jornalismo (cerca de 216 indivíduos).

O distrito ou região onde se localiza o seu local de trabalho, a maior parte referiu Lisboa com 62%. Já a sua condição face ao trabalho, 87% admitiu estar a trabalhar.

Referente à idade que entrou na profissão, 64% admite que foi no intervalo entre os 21 e os 25 anos. A maior parte dos inquiridos (24%) refere que exerce a profissão à mais de 21-30 anos. A actividade principal destes indivíduos é na Imprensa, mas têm como actividade secundária o jornalismo online – sites.

Cerca de 69% assume que apenas fez 1 estágio como jornalista ao longo da sua carreira. A maior parte dos inquiridos (64%) admite que já pensou abandonar a profissão de jornalista, alguns referem que os motivos têm a ver principalmente com questões de salários baixos, horas excessivas de trabalho e horários irregulares, precariedade laboral, pressões e condicionalismos, estagnação na carreira, falta de reconhecimento e falta de oportunidades.

A instabilidade a nível profissional acaba por se verificar também a nível familiar já que os inquiridos referem que não conseguem conciliar o trabalho com a família, também devido à instabilidade financeira.

Os inquiridos referem que se sentem desmotivados, cansados, insatisfeitos com a profissão e com medo do futuro. Admitem que o jornalismo que fazem não é aquele que queriam fazer quando pensaram ir para a profissão.

Apesar do mau estar geral sentido na profissão, a maior parte dos indivíduos (60%) respondeu que voltava a escolher esta mesma profissão. Contra os 40% que admitiram que não voltavam a escolher a carreira de jornalistas.

CONCLUSÃO

Esta Dissertação de Mestrado assumiu como tema principal o caso do Desemprego no Jornalismo em Portugal, teve como principal objectivo compreender as mudanças e os impactos ocorridos no exercício da profissão do Jornalismo em Portugal, no ponto de vista das suas percepções e motivações que tinham antes de entrar na profissão, quando entraram e o momento actual em que se encontram, a exercer ou não a profissão.

Para tentar conhecer melhor esta temática, em primeiro lugar, realizou-se uma revisão da literatura, que corresponde ao primeiro capítulo. O sonho de muitos Portugueses em seguir a carreira de Jornalistas começou nos anos 90, quando houve uma adesão intensa aos cursos de comunicação social. Com o passar dos anos houve mudanças, não só a nível do Jornalismo praticado, bem como no âmbito dos media em geral que foram influenciados pela economia a nível nacional. O desemprego neste sector adquire números mais elevados a partir de 2006.

As metodologias de investigação basearam-se na identificação de três dimensões de análise para analisar o caso do Desemprego no Jornalismo. A Dimensão Social que engloba a questão do desemprego como sendo uma ameaça à democracia actual; A Dimensão Profissional, que remete para como é feito o acesso à profissão, as motivações de cada indivíduo e como é visto o seu estatuto hoje em dia; por último, a Dimensão Tecnológica que refere o desenvolvimento das novas tecnologias com o desempenho da profissão.

O método de recolha de informação utilizado foi o inquérito por questionário online, através da plataforma online Qualtrics. O Universo de inquiridos foram todos os jornalistas que trabalham em Portugal, com uma amostra de 1518 inquiridos.

Apesar do extenso inquérito aplicado, só utilizei algumas questões, as que achei mais pertinentes para o tema e a problemática apresentada.

Os resultados deste inquérito apresentam que apesar do aumento do desemprego neste sector, a maior parte dos inquiridos admitiu estar a trabalhar e empregado, 87%.

O Estatuto do Jornalista tem vindo a ser desvalorizado com o aumento do desemprego, muito em parte esta desvalorização deve-se às transformações ocorridas na forma como é feito o jornalismo actualmente, não tem em conta o público mas sim os interesses particulares daquela agência, os valores desta profissão estão postos em causa.

O acesso à profissão é feito através de conhecimentos do meio, assim a profissão torna-se num privilégio onde só alguns têm acesso, a maior parte dos recém-licenciados encontra-se no desemprego ou em estágios de trabalho precário. Como é referido nos resultados do inquérito, muitos já pensaram abandonar a profissão (64%) devido aos

problemas existentes, como as questões de salários baixos, horas excessivas de trabalho e horários irregulares, precariedade laboral, pressões e condicionalismos, estagnação na carreira, falta de reconhecimento e falta de oportunidades.

A instabilidade a nível profissional acaba por se verificar também a nível familiar já que os inquiridos referem que não conseguem conciliar o trabalho com a família, também devido à instabilidade financeira.

Os inquiridos referem que se sentem desmotivados, cansados, insatisfeitos com a profissão e com medo do futuro. Admitem que o jornalismo que fazem não é aquele que queriam fazer quando pensaram ir para a profissão. Muitos dos inquiridos já exercem a profissão à mais de 21-30 anos (24%), conhecem bem o sector e os problemas associados.

Apesar do mau estar geral sentido na profissão, a maior parte dos indivíduos (60%) respondeu que voltava a escolher esta mesma profissão. Estes dados podem ser explicados, por muitos dos inquiridos gostarem mesmo da profissão e daquilo que fazem, mas não é como gostariam de exercer e nem como sonharam exercer.

Este estudo permitiu conhecer melhor a realidade do Desemprego no Jornalismo em Portugal, bem como os problemas associados a esta profissão, como é o caso dos baixos salários, a instabilidade familiar, os horários irregulares, estagnação da carreira, falta de reconhecimento, tudo isto revela-se no estado emocional instável dos inquiridos que referem estarem desmotivados, cansados por a profissão não ser aquilo que sonharam.

Com este trabalho espero ter contribuído para traçar as realidades existentes neste sector do Jornalismo em Portugal, nomeadamente o caso do Desemprego neste sector e as mudanças existentes como causa para este problema.

Por último, deixo algumas pistas para investigações que possam ser desenvolvidas no futuro como é o caso dos Freelancers que vêm o seu estatuto cada vez menos valorizado, com remunerações a recibos-verdes e trabalho precário, no sentido de perceber as diferenças do seu trabalho; Outra das investigações a ser feita é tentar perceber o porquê das carreiras neste sector estarem estagnadas.

BIBLIOGRAFIA

- Baptista, Carla (2012) “Uma profissão em risco iminente de ser “descontinuada”, *Jornalismo & Jornalistas*, no 52, Outubro/Dezembro, pp. 15-17, 2012, citado por Bastos, Hélder. (2014). *Da Crise dos Media ao Desemprego no Jornalismo em Portugal*
- Cardoso, Gustavo *et al.* (2013), *Média em Movimento 2013: Perspectivas sobre a evolução do mercado dos Media*, a partir de uma (meta)análise de 30 relatórios de consultores globais, Lisboa, OberCom
- Castells, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, vol. 3, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Castells, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Castells, Manuel. *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business and Society*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2001.
- Correia, Frederico (2008). *Jornalismo do cidadão – quem és tu?* BOCC
- Fidalgo, Joaquim (2008) *O Jornalista em Construção*, Porto Editora, citado por Rebelo, José (2014). *As Novas Gerações de Jornalistas em Portugal*, Lisboa, Mundos Sociais
- Giddens, Anthony (1997). Risco, confiança e reflexividade. In: Beck, U., Giddens, A., Lash, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora Unesp, 1997, citado por Rebelo, José. (2002). *O Discurso do Jornal*, Lisboa, Notícias Editorial
- Gillmor, Dan (2005). *Nós, Os Media*. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, citado por Alves, C. (2006). *Jornalismo Digital: Dez anos de web... e a revolução contínua*. Comunicação e Sociedade
- Lima, Tiago (2010), *Projecto Desafios do Jornalismo*, Lisboa, OberCom
- Lopes, Felisbela (2015). *Jornalista: Profissão Ameaçada*, Alêtheia Editores
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (10ª edição). Lisboa: Gradiva.
- Rebelo, José. (2011). *Ser Jornalista em Portugal – Perfis Sociológicos*, Lisboa, Gradiva
- Sindicato dos Jornalistas (2012), *Desemprego dos Jornalistas: Alguns dados, várias preocupações e 12 alertas*

REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS CONSULTADAS:

<http://pt.ejo.ch/jornalismo/portugal-perde-1218-jornalistas-em-7-anos>

ANEXOS

A) Inquérito utilizado

Nesta parte do trabalho, vou apresentar todas as questões utilizadas para a análise desta dissertação. O inquérito onde estas questões se encontram é muito extenso, com cerca de 78 questões, mas apenas as seguintes foram selecionadas para serem analisadas nesta dissertação.

Título do Inquérito: Os Jornalistas Portugueses são bem pagos?

Sub-Título: Inquérito às condições laborais dos Jornalistas em Portugal

Apresentação do Inquérito:

O presente inquérito é desenvolvido por uma equipa do CIES-IUL (ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa), em parceria com o Sindicato dos Jornalistas. O inquérito é dirigido a todos os jornalistas a trabalharem em Portugal.

O principal objetivo do inquérito é o de analisar as condições laborais atuais dos jornalistas portugueses, conhecer a diversidade de percursos e perfis jornalísticos e identificar os principais constrangimentos e desafios que se colocam hoje ao exercício da profissão de jornalista.

Este questionário inclui no final um grupo de perguntas com o objetivo de comparar Portugal com os resultados do estudo "Perceptions of the Future of Journalistic Work", do Oxford Reuters Institute. O questionário tem apenas nove páginas e preenche-se em menos de 15 minutos.

1. Sexo

- Masculino
- Feminino

2. Idade

- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46

- 47
- 48
- 49
- 50
- 51
- 52
- 53
- 54
- 55
- 56
- 57
- 58
- 59
- 60
- 61
- 62
- 63
- 64
- 65
- 66
- 67
- 68
- 69
- 70
- 71
- 72
- 73
- 74
- 75
- 76
- 77
- 78
- 79
- 80

- 81
- 82
- 83
- 84
- 85
- 86
- 87
- 88
- 89
- 90
- 91
- 92
- 93
- 94
- 95
- 96
- 97
- 98
- 99
- 100

3. Qual é o seu estado civil?

- Solteiro/a
- Divorciado/a, separado/a, viúvo/a
- Casado/a
- A viver junto/em união de facto

6. Qual é o seu grau de escolaridade completo?

- Ensino secundário
- Bacharelato/Licenciatura de 3 anos
- Licenciatura de 4 a 5 anos
- Mestrado (inclui mestrado integrado)
- Doutoramento

7. Qual é a sua área de formação académica?

- Ciências da Comunicação/Comunicação Social
- Jornalismo
- Direito
- História
- Economia
- Línguas e Literaturas
- Sociologia ou Antropologia
- Relações Internacionais
- Ciência Política
- Marketing e Publicidade
- Outra

8. Qual?

12. Em que distrito ou região se encontra o seu local de trabalho?

- Açores
- Aveiro
- Beja
- Braga
- Bragança
- Castelo Branco
- Coimbra
- Évora
- Faro
- Guarda
- Leiria
- Lisboa
- Madeira
- Portalegre
- Porto
- Santarém
- Setúbal
- Viana do Castelo

- Vila Real
- Viseu
- Estrangeiro

14. Atualmente, qual é a sua condição face ao trabalho?

- A trabalhar
- Em estágio
- Desempregado/a
- À procura do 1º emprego
- Reformado/a
- Inválido/doença permanente

17. Com que idade entrou na profissão:

- Antes dos 20 anos
- 21-25 anos
- 26-30 anos
- 31-35 anos
- 36-40 anos
- 41-50 anos
- 51 anos ou mais

18. Há quantos anos exerce a profissão?

- 0 a 2
- 3 a 5
- 6 a 10
- 11 a 15
- 16 a 20
- 21 a 30
- Mais de 30

21. Em que tipo de meios de comunicação trabalha?

	Atividade principal	Atividade secundária
Imprensa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rádio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Televisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornalismo online - site	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornalismo online - aplicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornalismo online - redes sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agência noticiosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

35. Quantos estágios como jornalista fez ao longo da sua carreira?

- 1
- 2
- 3
- 4 ou mais

43. Já pensou em abandonar a profissão de jornalista?

- Sim
- Não

44. Porquê?

56. Qual a sua satisfação pessoal com a profissão de jornalista?

- Extremamente insatisfeito 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- Extremamente satisfeito 7